



Redacção e administração  
R. de S. Martinho

Aveiro

# POVO DE AVEIRO



Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 224

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 12500 réis (fortes).  
**PAGAMENTO ADIANTADO**

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
**NUMERO AVULSO, 30 REIS**

4.º Anno

## Creados de servir

Isto não é um paiz governado por homens, diziamos nós no ultimo artigo. E' um paiz governado por homenzinhos. De homenzinhos se compõe a grande maioria da nossa classe dirigente.

Dissémos uma grandissima verdade.

Já lá vae o tempo, se a chronica não mente, em que os ministros tinham coragem e orgulho para dizer ao rei: «Senão, não». Era nos tempos do direito divino. Hoje, em regimen liberal, filho da soberania popular, o rei resolve viagens, passeios, alianças, tudo quanto quer, sem dar a minima satisfação aos seus ministros, isto é, aos seus creados, mantem relações e correspondencia directa com os governadores das provincias ultramarinas e commandantes de expedições militares em terras d'além mar, dá ordens directas e immediatas, sempre que lhe apraz, aos chefes de serviços policiaes, de serviços militares, e outros, na metropole, e os ministros não só lhe não dizem: *Senão, não*, como o presidente do conselho se apressa a declarar jubiloso, em plena camara dos pares: «O governo não dá ordens a sua magestade; recebe-as do seu soberano e cumpre-as.»

Este dicto, só por si, define um homem, um governo, umas camaras, um regimen, uma epocha e um povo.

Além, os outros, quando o direito do rei era o unico direito consagrado, sentem-se vexados, sentem-se offendidos, sentem-se amesquinados, pelo desprezo a que o rei os lança e aos interesses publicos que elles, mais ou menos, representam, afogueia os o vexame, e, só porque são homens, n'um impeto de vergonha e de nobilissima indignação, não hesitam em exclamar, para aquelle que era tudo: «Mudareis de vida senão...»

«Senão?...»  
«Senão, não.»

Hoje, que o rei é pouco, que o rei reina e não governa, que está proclamada e affirmada a soberania popular, que os ministros tem por si a lei, que poderiam ter por si a opinião n'um rasgo d'altiva energia, que não perderiam, pelo menos, mais do que o bom querer palaciano, curvam-se, rojam-se, amesquinham-se, degradam-se, para subscrever a tudon'uma subserviencia revoltante.

Os outros, que podiam perder a cabeça, que podiam ficar na miseria com as suas familias, que podiam ser desterrados, na melhor hypothese, não trepidam e avançam. Manda-os avançar, manda-os falar, manda-os proceder, esta coisa nobre que ha dentro

em nós: a dignidade, o brio, a altivez.

Estes, que ficariam com a cabeça mais segura, mais bem posta—e dizemos mais bem posta por isso que um acto de altivez não teria outro effeito que deixar-lh'a mais erguida e mais aureolada, portanto mais bella e respeitada—estes, que além de ficarem com a cabeça mais segura do que estava, ficariam com os mesmos empregos, com as mesmas benesses, com as mesmas honrarias, gozando livremente, como até ali, as tardes da Avenida e as noites de S. Carlos, nem sequer arranham, como o gato, ou rosnam, como o cão.

A verdade é que os gatos arranham e bufam quando lhes apertam o rabo, e os cães, de boa raça, rosnam e mostram a dentuça, até ou dono, quando lhe doe a chicotada.

Em Portugal os homens tornaram-se mais submissos e poltrões do que esses animaes.

Em Portugal ninguem tem esse impeto canino de rosnar e essa bella dignidade de arranhar. Excepto com os humildes, com os fracos, com os desprotegidos, com os desgraçados. Ainda ali ficamos abaixo da nobre canzoada. Quando se rosna é ás escondidas, baixinho, por entre dentes, pedindo-se muitas desculpas, muitos perdões, com humildade, se as paredes tiveram ouvidos, ou se uma imprudencia, uma levandade, uma irreflexão, fez elevar a voz mais alto.

Não ha nada mais atrevido e insolente—dizia-nos ha dias um homem de experiencia e bom senso—que o portuguez dos nossos dias. Ao mesmo tempo, não ha nada mais accommodaticio e poltrão.

E' duro, mas é verdadeiro.

Essa bella coragem, essa altiva independencia dos ministros de D. Affonso IV, que por amor do reino, que viam ao abandono e desbarato, por amor do povo, dos humildes, por consequencia, arriscavam vidas e fazendas, para censurar o rei pela sua vida de folguedos e orgias, converteuse n'esta miseria do presente, em que tudo são subservencias deante do monarcha e arrogancias deante dos humildes.

Os ministros declaram que recebem ordens do seu soberano e que as cumprem. O soberano manda e elles obedecem. E obedecem sem uma observação, sem um murmúrio, cabeça curva e riso nos labios. Mas assim que os miseraveis, os humildes, os famintos, soltam um queixume impertinente, os ministros, os mesmos, empertigam-se, crescem, ameaçam. E estão promptos a manter a ordem com severidade. E assumem logo a responsabili-

dade de todas as violencias e de todas as iniquidades.

Assim tudo.

Todos insolentes, de cima abaixo, todos atrevidos, fanfarrões com os humildes, e todos submissos e accommodaticios com os poderosos.

Empregados das repartições civis e militares, da companhia dos caminhos de ferro e de todas as mais companhias poderosas, não tem para o publico, para o publico desconhecido, anonymo, senão arreganho e enfiados. Mas, para cima... só meuras e sorrisos! Um pontapé, dez pontapés, cem pontapés que recibam, ficam com elles e calam-se.

Conta-se de um coronel do exercito portuguez, que recebendo, uma vez, ordem para submeter o seu regimento á inspecção de certo general, respondeu: «Nunca. Esse general não ha de fiscalisar os meus actos.»

Sá da Bandeira, que era o ministro da guerra, ficou furioso ao conhecer a resposta do coronel. E mandou-o chamar. O coronel foi. E quando Sá da Bandeira, de punho cerrado, lhe perguntava porque é que elle tinha a audacia de desobedecer ás suas ordens, o coronel, sereno, mas em voz energica e vibrante, respondia: «Porque v. ex.ª se esqueceu de que um militar honrado e sem mácula não podia sofrer a affronta, no fim da sua carreira, de vêr o seu regimento inspecionado por um ladrão.»

Era um acto de indisciplina. Mas de nobreza e coragem ao mesmo tempo. E Sá da Bandeira respeitou essa coragem, reconheceu essa nobreza, acatou os melindres do homem honrado e sem mácula, nomeando outro general para inspecionar o regimento.

Hoje o ministro da guerra trata os generaes como cornetas, os generaes fazem o mesmo aos coroneis, e assim vem descendo até chegar aos ultimos, que são os proprios cornetas. E só estes *reputam!* Talvez pelo facto de não haver abaixo d'elles mais ninguem a quem possam transmitir o pontapé, que, de grau em grau, se veio seguindo e transmitindo!

Isto sem offensa individual para ninguem. Não tratamos de uma classe, tratamos de todas. Não particularisamos, generalisamos. Escusado é, portanto, resalvar as excepções.

Isto é assim. Em Portugal fez escola a lisonja, a subserviencia, o servilismo. Perderam-se, obliteraram-se as nobres qualidades da especie. Somos creados de servir. E nada mais. Temos os habitos, os feitos, os vicios dos lacaios. Curvados deante dos mais fortes. Arrogantes deante dos mais fracos.

Quando muito fazemos desordens, como fazem os lacaios.

Manifestações de revolta, de altivez, de sincera e forte indignação, não se fazem, não se vêem, não existem.

Ora um povo assim escusa de cantar heroes, que os não tem.

Teve-os já. E teve um grande poeta, que os cantou n'um grande poema.

Depois... acabou tudo.

E ficaram os herdeiros dos servos do fidalgo e dos servos do convento.

E' o que existe.

**Dr. Bernardino Machado**

Do excellento jornal a *Educação Nacional*, recortamos este *suelto* a proposito da conferencia que este notavel homem de sciencia acaba de realizar no Atheneu Commercial de Lisboa:

«E' uma esperanza da classe do professorado como foi sempre um fervente apostolo da causa de ensino. O seu nome tem o fulgor da honestidade, a grandeza dos caracteres primordios e o brilho d'um talento invulgar. Basta assignalar um facto:

O sr. conselheiro Bernardino Machado já foi ministro em Portugal e veio de lá immaculado, o que é um verdadeiro milagre.

Rejubilamos hoje por sabermos que o bom amigo dos professores primarios volta á vida activa e á politica, d'onde sahira enojado.

Meia duzia de homens d'esta crevira salvavam o nosso paiz e só elle tornava glorioso o seu ensino publico.»

**Companhia Lisboense**

Em direcção a Coimbra, passou terça-feira na estação do caminho de ferro d'esta cidade, a companhia *Lisboense* que, sob a direcção do actor Oliveira, alli vae dar uma série de espectaculos, contando vir a Aveiro no proximo mez de janeiro ou março.

**Policia rural**

Consta que é proposito do governo, accedendo ás instancias da imprensa do paiz, criar a chamada policia rural para o policiamento de campos, pinhaes e florestas, salvaguardando assim as propriedades dos particulares á rapina brutal e devastadora dos *amigos do alheio*.

E' bem entendido, porque a febre do roubo é tanta que alguns proprietarios remediados chegam a sortir-se clandestinamente dos pinhaes dos outros para pouparem os seus. E na volta veem sempre das *suas* fazendas.

## PARTIDO REPUBLICANO

As *Novidades* publicavam ha dias um artigo sobre os partidos ponticos em Hespanha e Portugal, do qual transcrevemos estes periodos:

«A existencia d'um partido republicano, (fala da Hespanha) forte e disciplinado, poderia trazer efficaz remedio a um tal estado de coisas. N'este ponto, a lição dos factos tem-nos feito modificar opiniões antigas, de radical intransigencia. Um partido republicano, em taes condições, longe de ser prejudicial á monarchia, constitue um estimulo activo e permanente de grande proveito para reprimir os desacertos dos partidos monarchicos, e para os conter na ordem e no bom senso da administração e da politica. Infelizmente, o partido republicano hespanhol, apesar de ter em côrtes uma valiosa representação, de que fazem parte homens de raro merito, está ainda mais dividido e desagregado do que os dois grandes partidos monarchicos... E para mais succede (fala agora de Portugal) que o partido republicano, desagregado e desorientado, tendo substituido a politica de atracção pela politica de repulsão, ainda está mais enfraquecido do que em Hespanha, e nem ao menos tem força para crear um d'esses movimentos energicos de opiniões, que são irresistiveis nos grandes centros, contra toda a pressão official, estando por isso privado de representação parlamentar e municipal, que lhe dê voz e auctoridade.

Cá e lá. E' a mesma coisa.»

Não sabemos se cá e lá é a mesma coisa. Nunca acreditámos muito na união e harmonia dos republicanos hespanhoes. Mas faltam-nos elementos para admittir sem hesitar a affirmação de que estejam mais divididos ainda e desagregados do que os monarchicos. Parece-nos muito.

A respeito de Portugal, porém, disséramos as *Novidades* uma grandissima verdade.

O *Debate* contesta. Mas não contesta bem. Permitta o collega, por quem temos muita estima e consideração, que lh'o digamos. Não queremos, nunca quizemos, impôr as nossas opiniões a ninguem, nem nos offendemos, ou melindramos, que seria estupidez, com as opiniões alheias. Mas temos o velho costume de affirmar as nossas, não as calando nunca, costume que nos parece ser digno de applauso, e não de censura, embora por elle tenhamos merecido, muitas vezes, não só censura, como calumnias e infamias. Muitas vezes.

O partido republicano tem sempre feito politica de repulsão. Politica de repulsão de pessoas e politica de repulsão de idéas.

Nem vemos inconveniente nenhum em o affirmar. Como não vemos vantagem em o contestar. O partido republicano, se é capaz de se reconstituir, se é capaz de inspirar confiança ao paiz, só o poderá conseguir por uma conducta cheia de lealdade e de verdade. E n'essa lealdade, e n'essa verdade, ha de entrar o reconhecimento dos proprios erros. Sahe-o muito bem o illustre director do *Debate*, que sendo um homem intelligente é, ao mesmo tempo, um dos poucos homens leaes e sinceros d'esta terra, onde

**Tempo**

A temperatura arrefeceu extraordinariamente. Parece estarmos em pleno e frigidissimo inverno. O que vale é os dias estarem lindos, amorosos, á excepção d'um ou outro que traz consigo algum vento nordeste que parece cortar as carnes.

## Cartas d'Algueres

20 DE NOVEMBRO.

O *Popular*, publicando ha dias um artigo de fundo, sob o titulo *Questões Agricolas*, a proposito da reunião da *Associação de Agricultura*, escrevia:

«Todas estas questões são importantissimas, todas reclamam soluções, mas em todas parecem os assumptos pouco estudados e em todas cada um se preoccupa só do proprio interesse e cuida pouco dos da comunidade nacional.»

Dias antes n'outro artigo intitulado *Phenomeno Agrícola*, dizia o mesmo *Popular*:

«Seja, porém, como for, pense-se e diga-se o que se quizer, o facto é que em todas as especies de generos agricolas a nossa produção nos sae mais cara do que a de paizes similares sem condições mais favoraveis de solo e clima no conjuncto. Não só mantemos com difficuldade os nossos mercados lá fóra, mas tambem no paiz só podemos viver n'um regimen accentuado de protecção, porque, sahindo nos tudo caro, só com as tarifas alfandegarias conseguimos resistir á invasão de generos estrangeiros. Como e porque nos succede assim n'um paiz essencialmente agrícola? E' o que não podemos o bem desajavamos saber. Quem fizesse a valer o estudo necessario e ligrasse reduzi-lo a conclusões praticas, prestaria ao paiz o melhor e mais relevante serviço. Porque é que somos o paiz da universal carestia? Tal é a questão.»

E' claro que o sr. Marianno de Carvalho faz estas perguntas e responde-lhes com a ironia do costume. Farto está elle de saber quaes são as causas da nossa universal carestia.

Não diz o primeiro dos artigos citados, no trecho que ali fica transcripto, que cada um se preoccupa só do proprio interesse e cuida pouco dos da comunidade nacional? Então ali está já uma das causas. E não é das menos importantes.

Não se tem fartado o *Popular* de trocar dos nossos sábios? Não troca d'elles a todo o instante? Eis outra causa importante. Somos um paiz essencialmente agrícola, afirma aquelle periodico. As nossas condições de solo e de clima no conjuncto não são inferiores ás do estrangeiro. E somos o paiz da universal carestia. Porque? Porque temos muitos sábios. Com menos sábios, um paiz com bom solo e clima, tão bom, pelo menos, como o dos paizes estrangeiros, havia de produzir, em proporção, tanto como elles e tão barato como elles costumam produzir.

O *Diario da Tarde* tem publicado successivos artigos contra o sr. Belford, afirmando que este senhor consente as falsificações dos azeites e dos vinhos, e que se os falsificadores são tolerados e protegidos por elle é porque o governo assim o quer.

Dir-nos-hão que é uma questão entre o norte e sul. Seja o que for. Fica demonstrado o que diz o *Popular*: cada um só se preoccupa do proprio interesse e cuida pouco dos da comunidade nacional.

Nós não queremos entrar, de fórma nenhuma, na questão proposta pelo *Popular*. Nem temos competencia para ella, nem é a que mais nos interessa, desde que todos confessam que cada um só trata de si, desprezando os interesses da comunidade nacional.

E se é assim, como é, o que importa é que a comunidade nacional se imponha, por sua vez, aos especuladores.

O trabalho dos jornaes republicanos devia ser esse e é esse aquelle que, na nossa insignificancia e modestia de semanario de provincia, n'uma pequena parcella, por isso mesmo que não chegamos a mais, nos impozemos. Temos obrigação, todos nós que nos di-

zemos zeladores dos interesses dos opprimidos, de esclarecer o publico, até que se fórme uma corrente de opinião capaz de se impôr aos governos n'essa gravissima questão das subsistencias publicas.

Agora até apparecem accusados de falsificadores os proprios funcionarios aos quaes a lei impoz a obrigação de reprimir e castigar as falsificações!

Falsifica o norte contra o sul, falsifica o sul contra o norte. E' uma pouca vergonha sem igual.

O *Diario da Tarde*, tratando da fiscalisação dos vinhos e azeites, afirma a inutilidade e a immoralidade d'uma inspecção technica que durando desde 1895 em Lisboa não tem permitido senão abusos. Acreditamo-lo.

Affirma ainda o mesmo periodico que o projectado decreto sobre fiscalisações technicas era um simples pretexto para se crearem nichos, supra-nichos e sub-nichos. Tambem o acreditamos, porque é esse o objectivo de todas as reformas n'este desgraçado paiz.

Não se projectava tambem crear em Londres uma agencia do *Mercado Central de Productos Agricolas*? Não se gastava com isso umas dezenas de contos de réis? E para que, se o proprio *Mercado Central* é já de si uma inutilidade? Generalizada a industria de moagem e o commercio de cereaes por todo o paiz, é absolutamente inutil tal insituição como repartição do estado. Basta analysar os seus boletins, cuja exactidão nem sempre ponde ser demonstrada, para se reconhecer a justiça da sua condemnação. Os antigos commissarios do *Terreiro Publico*, que alli exerceram livremente a sua industria, desde a epocha da fundação do *Terreiro*, 1765, pôdem, gratuitamente, fornecer quaesquer dados ao conselho superior das alfandegas, ou á repartição do commercio e industria, no ministerio das obras publicas, e desempenhar quaesquer funcções—sempre gratuitas, como é d'uso,—por delegação da *Associação Commercial de Lisboa*.

O *Mercado Central* serve, sobretudo, para dar sahida officialmente ao trigo de contrabando, nas chamadas aos lavradores, trigo comprado na raia, em média, a 360 réis cada dez kilos, para ser vendido a 720. A lei de 15 de julho e o regulamento de 29 de agosto de 1889 crearam os certificados de compra. Houve quem abusivamente e por meios fraudulentos apresentasse resmas d'esses certificados para despachar na alfandega o trigo estrangeiro. Para remediar tal abuso veio então o regulamento de 3 de março de 1892, que prohibiu ao commercio o despacho do trigo estrangeiro, dispondo que as existencias do trigo nacional fossem chamadas ao *Mercado Central*. O que succedeu? Succedeu que os auctores dos abusos dos certificados, moageiros e especuladores, começaram a fazer registrar trigo açambarcado nas colleitas e a vende-lo como se fossem lavradores.

Eis para que serve, especialmente, o *Mercado Central de Productos Agricolas*. Serve para favorecer os contrabandistas e os especuladores, que á sombra d'elle ganham rios de dinheiro.

Para que serve a *Manutenção Militar*? Serve para mandar vir automoveis que põem em grave risco a vida dos grandes homens d'este paiz. O sr. Pimentel Pinto ia morrendo, ha dias, por causa da *Manutenção Militar*. Sem ella, não andaria s. ex.<sup>a</sup> passeando de automovel.

E' sabido que o trigo apodrece nos armazens da *Manutenção Militar*, á falta de gente para o arejar. Ha dinheiro para comprar automoveis, que sendo encomendados para transporte do pão, são, de facto, senão todos, alguns, destinados ás passeiadas e pandegas dos altos funcionarios militares. Ha dinheiro para grossas gratificações aos empregados superiores da mesma *Manutenção*,

alguns dos quaes estão dias e semanas sem lá ir. Mas não ha dinheiro para gratificar com 55 réis diarios cada um dos soldados presos para voltar, para mudar de logar, enfim, para arejar o trigo. E o trigo apodrece! E as farinhas apparecem aridas! E o pão fornecido ao exercito, pelos motivos expostos e pelo desleixo e inhabilidade na manipulação, é pesado.

Para isto tem custado a Manutenção torrentes de dinheiro ao paiz!

Diz o *Diario da Tarde* que a *Inspecção technica* é uma inutilidade e uma immoralidade e accusa o sr. Belford, Inspector geral dos serviços technicos dos vinhos, azeites e vinagres, de tolerar e proteger falsificações, e falsificadores, quando a sua missão official e os dinheiros que percebe do Estado o obrigam a perseguir e castigar umas e outros.

E' tudo assim, prezado collega. Não vê as falsificações das farinhas? Mercados Centraes de Productos Agricolas, Manutencões Militares, laboratorios, analysts, empregados a cada canto, e as falsificações das farinhas fazem-se escandalosamente a todo o instante. E é a propria Manutenção Militar a primeira que deixa estragar os trigos e as farinhas, a primeira que produz pessimo pão, ella, que tem por importante dever fiscalisar o pão e as farinhas dos outros!

Donde vem então a nossa universal carestia, com um solo e um clima excellentes?

Demais o sabe o sr. Marianno de Carvalho e elle proprio o tem dicto muitas vezes, porque nem sempre é tão sophistico e tão mentiroso como o pintam. Vem, sobretudo, da abundancia de sábios e de especuladores. Vem d'esse facto de cada um se preocupar só do proprio interesse e muito pouco, ou nada, dos da comunidade.

Somos uns ignorantões, apesar de tantos sábios, somos uns egoistas e somos uns mandriões. Trabalhamos pouco e mal. Nem sabemos trabalhar nem temos vontade de trabalhar. Só pensamos no interesse proprio e por elle somos capazes de todas as iniquidades, de todas as arbitrariedades, de todos os relaxamentos, de todos os abusos. Arranje cada um para si. E o paiz que arreben-te. E os outros que se governem.

Essa é a principal, senão a unica origem da desgraça do paiz.

A. B.

## Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, da 2 ás 4 da tarde, no Jardim Publico, é o seguinte:

Phantasia da opera *Ruiz Blaz*, (Marchetti); pot-pourri da opera *Pau-nhauser*, (Wagner); *Marianna*. Suite de walsas, (Waldteufel); *Izabella*, ouverture (Suppé); *Ensenanza Libre*, zarzuela Giminez.

## CARTA BRANCA

Tem-na o garotinho para insultar todo o mundo. Depois de se ter confessado, com a maior sem vergonha, calumniador do sr. dr. Homem de Mello, em documento publico assignado pelos srs. drs. Jayme de Magalhães Lima e Joaquim de Mello Freitas, pôde chamar tudo o que quizer a quem quer que seja que n'isso não envolva agravo pessoal.

Um billresinho e nada mais.

## A NOSSA CARTEIRA

Estiveram em Aveiro os srs. dr. Manuel Homem de Mello e Mario Duarte.

Chegou aqui, vindo d'África, o sr. Jayme Coelho, filho do sr. Jeronymo Coelho, negociante da nossa praça.

Estiveram no domingo n'esta cidade os nossos amigos srs. Carlos Rodrigues, da Gosta, da Palhaça, e Francisco Castimiro da Silva, d'Ihavo.

a lealdade e a sinceridade vem sen lo coisa verdadeiramente rara.

Para que negar que o partido republicano tem feito atroz politica de repulsão? N'essa propria negativa vai essa propria politica. Ninguem attrahe a persistir no erro, a negar a evidencia. O partido republicano pô-la attrahir, pô-le inspirar confiança, se prometter emenda. Mas senão, não.

O partido republicano nunca admittiu ninguem fóra das suas capellinhas. Nunca quiz ouvir uma voz de sinceridade e uma voz de independencia. Pois o illustre director do *Debate* nega-o? Franca-mente, extranhamos. Sendo certo que nós podemos comprova-lo com cem factos, demonstrando que o illustre director do *Debate* conhece noventa, pelo menos.

Não, não. Trabalhem pela união do parti-lo, pela sua constituição, pela sua regeneração, que fazem bem. Mas respeitem a verdade e a justiça. E é offensivo da verdade e da justiça dizer-se que o partido republicano nunca fez politica de repulsão.

Não seremos nós que iremos estorvar esses trabalhos. Pelo contrario, temo-los animado, incitado, applaudido, dando provas de alguma abnegação—diga-se—porque, sob o ponto de vista mesquinho do jornalismo, ninguem, mais do que nós, teria motivos para odiar os partidarios republicanos, por isso mesmo que sendo nós dos pouquissimos que perderam interesses, e importantes interesses materiaes, em defeza da causa republicana, pela qual trabalhámos com enorme verdade e sinceridade, fomos o unico que em troca d'esses serviços só recebeu geraes calumnias e infamias.

O unico!

Ao mesmo tempo que eram festejados e applaudidos uns trantantes, que depois se bandearam, ou que, de qualquer fórma, da sua tratantice não deixam hoje duvidas a ninguem.

Jámais tornaremos a approximar-nos dos partidarios republicanos. Jámais! Nem politicamente, nem pessoalmente. Nada queremos d'elles, nada queremos com elles. Nem conhece-los, nem vê-los, velhos ou novos, salvo meia duzia de homens—se tantos são—que nos fizeram justiça n'esse tempo. E se procedemos assim é porque sentimos que é um dever de honra e de brio pessoal.

Leve o diabo a politica, se para se ser politico é indispensavel que se seja um bandalho. Mas á parte dos partidarios republicanos,—para sempre!—á parte dos homens, que não queremos vêr, nem conhecer, applaudi-los-hemos, no emtanto, com toda a nossa energia, que ainda não morreu, em todas as obras de regeneração nacional.

Não acreditamos nada, mesmo nada, na tal projectada união dos republicanos portuguezes, e muito menos nas obras d'alcance politico e social que d'essa união hão de sahir, apesar dos symptomas favoraveis que temos registado. Mas não ha da ser por nossa causa que hão de deixar de o fazer. Tambem lh'o affirmamos. Pelo contrario. Havemos de applaudi-los calorosamente, se o fizerem, e incita-los muito para que o façam.

Mas sempre que apparecer uma injustiça, lavraremos um protesto.

O partido republicano fez a peor, a mais triste, a mais deploravel politica de repulsão. Repulsão de pessoas e repulsão de idéas. Conberam dentro d'elle grandes theoreticos. Não coube um unico homem pratico. Todos reconheciam que seriam incompativeis com um partido de tal ordem.

Admittin, applaudiu, protegeu, engrandeceu grandes especuladores. Não admittiu um unico trabalhador honesto que se revoltasse contra essas especulações. Aquelle que não queria ser apedrejado remettia-se ao silencio. Porque, se protestava, era logo coberto de infamias e calumnias.

Isto com os de dentro. Para os de fóra, bastava que elles vissem o que se passava lá dentro. Sem falarmos d'aquelles, d'entre estes, que inutilmente foram apedrejados tambem.

E diz-se que é uma injustiça escrever-se que o partido republicano substituiu a politica de attração pela politica de repulsão? Ora adeus.

Melhor será passarmos a outro assumpto.

Que, o dicto, dicto. Não seremos nós que irritaremos questões d'estas, levantando a menor difficuldade, o minimo attricto aos trabalhos de reconstituição do partido republicano.

Mas tomem este conselho, que é bom: abstenham-se de affirmações absolutas. Já n'outro dia *O Mundo* as fazia, a proposito de certos nomes do partido republicano, e já então nós estivemos para replicar.

Como sabem, nós somos um arsenal de factos e de documentos a respeito do partido republicano portuguez. Factos que trucidam e documentos que esborracham.

Nada diremos. O dicto, dicto. Mas sejam sempre moderados e prudentes nas affirmações absolutas.

## João de Menezes

REPUBLICANOS DO PORTO

Acaba de ser enviado pela commissão republicana da freguezia de S. Nicolau, da cidade do Porto, ao director de *O Debate*, o seguinte documento:

Presado correligionario:

A commissão parochial republicana de S. Nicolau tendo na devida conta a pureza do vosso character e o brillantismo do vosso talento vem muito repetidamente saudar-vos pela vossa visita a esta cidade onde em tempos que não vão longe tão apreciada foi a vossa convivencia e tão relevantes os serviços sempre dedicadamente prestados ao partido republicano do Porto.

Reiterando os mais sinceros protestos de consideração e estima, rosta solicitar a honra de confiar á vossa guarda a retribuição dos penhorantes cumprimentos dos correligionarios da capital, assegurando-lhes ardentes desejos de saude e fraternidade.

Porto e secretaria da commissão parochial republicana de S. Nicolau, 13 de novembro de 1903.

Illustre e honrado cidadão dr. João de Menezes.

O secretario,

Adolpho Ferreira Louzada.

## O largo municipal

Comos está em vesperras de conclusão o calcetamento do largo municipal, lembramos ao sr. commissario de policia a conveniencia de mandar policia aquelle recinto para evitar que a rapaziada damnifique o trabalho ali feito, especialmente enquanto não estiver consolidado.

E' medida que se torna imperiosa.

Os empregados do correio de esta cidade cotisaram-se entre si para offerecerem aos calceteiros do largo municipal uma bella bacalhoadá, completamente regada com o Amaranção do Gloria.

Essa ceia deveria ter logar quando o calcetamento chegasse em frente da sua repartição.

E assim succedeu.

Os calceteiros estão por isso muito gratos áquella corporação.

## CADELLA HYDROPHOBA

Em Valle de Telhas, no concelho de Mirandella, uma cadella atacada de hydrophobia mordeu em 24 pessoas.

Vêr o folhetim «Olho de Vidro» na quarta pagina.

## O PADRE

Não podíamos nós, portanto, imaginar, que você, padre Vieira, era um garoto, quando publicava artigos laudatorios a nosso respeito, quando sem ter trocado, comnosco, préviamente, uma única palavra, sem relações de qualidade alguma que, de perto ou de longe, o auctorissem a dirigir-se nos, nos escrevia cartas onde dizia ter por nós a maior sympathia e a mais profunda admiração. Quando um homem faz isso, um homem de cathedra, um professor do lyceen, um padre, ha o dever de se pensar que esse homem é sincero.

E certo que você já n'esse tempo era tido e havido por um homem ordinario. Já tinha provocado as nossas desconfianças dando guarida ao collega, ao padre Antonio, ao dr. Moliço. Mas d'isto se justificava você na 2.ª carta que nos escreven.

Ora se nós não podíamos, nem devíamos, imaginar que você era um garoto, se nos viamos obrigado, como todo o homem nas nossas condições, a acreditar na sinceridade das suas palavras, não era correcto e não era logico escrevermos que você, padre Vieira, só era padre por engano, e que havia de lamentar no fundo da sua consciencia esse engano e o estygmata que lhe tinham gravado na fronte?

A que vem a reedição do que dissémos? A provar a nossa contradicção, a nossa incoherencia?

Você é um asno. E' um garoto, padre Vieira. Mas, acima de tudo e antes de tudo, é um asno.

Mudámos de opinião a seu respeito? Pois claro. Se nós tivéssemos dicto que andámos vinte annos a adorar os seus escriptos, a admirar o seu talento, para passarmos a chamar-lhe bruto, estúpido, d'um dia para o outro, como você fez a nosso respeito, então, sim, havia flagrante contradicção. Aquelle que andou vinte annos a admirar os escriptos de outro, para passar, de repente, a considerar os mesmos escriptos uma série de tolices, quando julga passar ao outro o diploma de tolo não faz senão passa-lo a si proprio. De tolo ou tratante. Mas julgar agora um homem sincero, ou parecer-nos n'um instante que elle procede honradamente e com certa intelligencia, para vermos logo, por factos subseqüentes, o contrario, é caso vulgarissimo, que se dá a toda a hora, e com toda a gente, sem desaire para ninguém.

Julgámo-lo sincero. Mas viu-se que o não era. Viu-o todo o mundo. O que ficou provado? Que você, padre Vieira, era o ultimo dos garotos d'esta terra. Sem deixar, contudo, de ser um asno.

Você imagina, talvez, que o ficaram considerando um jesuita, um hypocrita, um padre velhaquete, mas finorio. Não, homem. Não confunda a opinião do Tinloso, do Reles, do Cabecinha, do Mi-jareta e do Bicheza com a opinião publica. Não confunda, que fica mal, principalmente depois de você nos ter escripto do Cabecinha o que se sabe e do Bicheza aquillo que ainda se não sabe. Você lembra-se, sem duvida, da carta que nos escreveu a proposito da Custodia, carta que temos guardadinha, como todas. Ali se

lamentava você da infamia do Bicheza, ngradecendo-nos calorosamente—e confessando a sua eterna gratidão!—por termos combatido essa infamia.

A sua eterna gratidão, viu-se. A sua sinceridade a respeito do Bicheza, viu-se tambem. E por isso tudo lhe dizemos que você é o ultimo garoto da cidade. Sem deixarmos, todavia, de reconhecer, que você tinha razão em considerar o Bicheza um pulha da mais infima especie, e em se queixar da infamia d'esse biltre a proposito da Custodia. Era uma infamia combate-lo a você com factos d'essa ordem. Assim o entendiamos então. E assim o entendemos ainda hoje.

Não confunda, pois, a opinião d'esses cavalheiros, alguns dos quaes você classificou, e muito bem,—embora você seja tal como elles, ou peor—d'idiotas e de pulhas, com a opinião publica de Aveiro. Para a opinião publica da cidade você não é um jesuita, ainda que impropriamente lh'o tenham chamado, não é um finorio, não é um garoto fino. E' um hypocrita boçal, um gaiatosito sem decoro e sem arte.

O que pretendia você, com os artigos laudatorios que escreven a nosso respeito, com as cartas que escreveu ao dr. Homem de Mello e com as que, mais tarde, nos dirigiu?

Não sabemos, ao certo, pelo que toca ao dr. Homem de Mello. Mas, fosse qual fosse o fim que você, ali, tinha em vista, a sua velhacaria, a sua enepcia ficou plenamente demonstrada.

Um homem que d'outro supplica que aceite uma candidatura em nome dos principios, e dos interesses d'uma terra, quando esse, a quem a supplica se dirige, até esse momento nenhuns serviços prestou a essa terra, e n'ella mal conhecido é ainda, e que mais tarde, quando o supplicado presta serviços relevantes, quando por elles se torna conhecido e se impõe, o proclama funesto e indigno, e tenta torna-lo odioso, é um torpe. Mas um homem, que se esqueceu do que fez essa supplica por meio d'uma carta, d'um documento vivo, que pôde, d'um momento para o outro, attestar a sua torpeza, ainda é mais asno do que torpe.

Um asno, padre Vieira, um asno chapado, um asno completo.

O dr. Homem de Mello podia tolerar, deixando a carta ignorada e em segredo, que você o combatesse nos limites da urbanidade e da decencia. Era uma incoherencia que você, padre, commettia. Mas contra a qual não seria humanamente permitido usar d'uma represalia violenta. Desde que você, porém, sahíu do campo da cortezia, do campo da decencia, para o campo da injuria, da calunnia, da infamia, acobertando-se com um testa de ferro asqueroso, era mais do que um direito, era um dever usar da represalia, deixando bem patente a negrura do character do diffamador villão.

Se você fôsse, padre Vieira, um garoto de cidade como julga, previa as consequencias e acautelava-se. Mas você não passa de um gaito aldeão. E', como o outro, mais ou menos esterqueiro, mais ou menos moliceiro. Sem que queiramos, com isto, insinuar, que os moliceiros e os esterquei-

ros não sejam, no geral, homens sérios e decentes.

Pelo que nos diz respeito, você só se rojava deante de nós, n'uma lisonja revoltante, que é mais um clarão a illuminar o seu character, no proposito reservado de attrahir a nossa benevolencia a seu favor, e do seu grupo, nas questões locais. Velhaco, ali como em tudo. Mas garoto e asno ao mesmo tempo.

Odiando-nos, no fundo, não lhe permittia a indole perversa que ficássemos liberto da sua sanha peçonhenta. E, ao mesmo tempo que se rojava, ignobilmente, deante de nós, combinava com o Cabecinha, sob a approvaçãõ suprema de Jayme Lima e Mattoso, o plano que se seguiu. Cabecinha atirava-nos infamias. E você protestava a sua innocencia, dizendo, juntamente mal do Cabecinha.

Torpe? Sem duvida. Mas tendo tanto, pelo menos, de boçal como de torpe.

Devia vêr, homensinho, que não seria facil enganar-nos, e que, descoberto o plano odioso, ficaria n'uma situação vergonhosa, indigna d'um homem. Um professor do lyceen, um padre, não pôde, não deve, sem risco de se perder, aceitar situações em que possa fazer figura de gaiato impudico e boçal.

Descoberta a conspiração pelintra, o resultado impunha-se. Seriam publicadas as cartas, que você nos escrevia, e o seu character ficaria patente em toda a hediondez. Além de ter conseguido, na politica local, precisamente o contrario d'aquillo que você, padre, desejava e lhe convinha. Querendo attrahir a nossa benevolencia, só conseguiu, para si e para o grupo que representa, a nossa antipathia e viva hostilidade.

E ali tem, padre Vieira, como você, sem deixar de ser um gaiatola, foi, em tudo e por tudo, um asno completo.

Asno, sempre. Até agora, em nos vir apontar contradicções que dão logar a estas verdades. E a verdade fere sempre.

E no domingo diremos o resto, que ainda não dissémos tudo.

## CRAPULOSOS

Os homens, que teem a sua vida cheia de factos crapulosos, são aquelles que pretendem arremessar lama sobre pessoas, que elles não attingem com as suas infamias.

Os concussionarios, que abusaram do seu logar para praticar os crimes mais hediondos, veem para a sua sentina vomitar toda a podridão da sua alma, que elles revelam em toda a immundicie que a caracteriza.

Ha cousas que nos revoltam. Quando vemos que os pulhas querem diffamar quem nem sequer os enxerga, dá-nos vontade de tornar publicas as ladrocrias que, á sombra dos logares publicos que desempenham, teem praticado.

Agora os grandes malandros fazem insinuações perdidas ao facto de o dr. Guilherme Telles ter deixado os seus bens ao sr. dr. Manuel Homem de Mello como se fosse crime algum ser instituido herdeiro de um cavalheiro a quem se prestaram serviços valiosos e que era dedicado ao sr. dr. Homem de Mello.

Mas antes o sr. dr. Homem de Mello receba, por herança, os bens do sr. dr. Guilherme Telles, do que, á sombra do seu logar, tivesse recebido de outro Telles (que não é Guilherme) aquillo que nós sabemos...

Vil concussionario!

## Pelo mundo

## Compromettedora tatuagem

Foi preso em Trento um mendigo russo, Frederico Baldaff, de 20 annos, natural de Nijni Novgorod. No peito folhe descoberta uma tatuagem representando uma punhal e um revolver apontados á face do czar Nicolau.

Suppõe-se que Baldaff se preparava a vir á Italia para dar cabo do pae dos russos.

O que é extraordinario é que um russo, que tem no seu paiz o tzar ali mesmo á mão de semear, para o poder despachar d'esta parte melhor, se dê ao incommodo de o vir matar em terra alheia, e cáia ainda na ingenua patarice d'usar d'aquella compromettedora tatuagem.

## Infamias clericas

Dizem de Bruxellas que foram presos em Liège o director e varios irmãos da escola congreganista de Orstacker, por se ter provado que haviam abusado infamemente dos alumnos confiados á sua guarda.

Está encarregado da instrucção d'este escandaloso processo, o juiz Van de Byckman.

Algumas das victimas contrahiram doenças secretas, que põem a sua vida em risco.

Varios antigos alumnos d'este estabelecimento de ensino religioso apresentaram-se espontaneamente ao juiz instructor, offerecendo informações seguras sobre o que se passava no collegio.

A indignação é grande. O convento tem sido ameaçado pelo povo. Guardam-no 80 guardas civis, que tambem teem por missão evitar a fuga de alguns dos congreganistas que ainda não foram presos. Um d'elles, porém, o mais comprometido, já fugiu.

## Conspiração socialista-nihilista

Acabam ser presos cinco socialistas em Koenisberg e em Meurel (Allemanha) inculcados de pertencer a sociedades secretas. Uma busca operada pela policia nos aposentos do chefe dos socialistas de Meurel, o relojoeiro Kleim, fez com que se descobrisse uma certa quantidade de escriptos revolucionarios e de brochuras nihilistas publicados pelo comité de acção nihilista de Zurich! Apprehendeu-se igualmente uma larga correspondencia trocada com diferentes subditos moscovitas.

Frei Capacho do Carmo Vieira continua a intrigar no bairro. A collareja tem aquella mania. Não admira, portanto, porque é feito de todas as collarejas, suas congeneres.

A intriga, a mentira e a hypocrisia é o seu elemento, o seu forte.

Não tem mais na sua mão, o pobre.

Entretanto, nós continuamos a rir com as suas investidas regateiras e intrigalhas de bordel. Nós e certamente os visados pelo tonsurado. No que elle d'esta vez nos diz com alguma verdade, é que o sr. Gustavo Ferreira Pinto continuará a presidir aos destinos municipaes. D'essa opinião tambem nós partilhámos.

Só se não fôr essa a vontade de s. ex.ª, o que será para lamentar.

Só se assim fôr.

O que lhe não fica nada bem e á sua batina, é botar foguetes pelo apedrejamento ás janellas d'aquella cidadão.

Por ali se avalia a grau de responsabilidade que lhe tocou tambem no caso.

E depois digam que a revolta não teve capitães, generaes e até generalissimos. Digam que não!

## CORRIDAS VELOCIPEDICAS

Como noticiámos, opportunamente, tiveram logar no passado domingo, 15 do corrente, as promettedoras corridas velocipedicas, promovidas pela Sociedade Recreio Artístico, d'esta cidade.

Antes da hora annunciada para as corridas já o local da ponte da Dobadoura se achava apinhado de povo, vendo-se tambem bastante gente do outro lado da ria e em toda a extensão do caes de S. João, ponte de S. Gonçalo até ás pyramides.

A banda de infantaria 24 tocava n'um improvisado coreto de madeira que se achava collocado em uma eira ou terra lavrada do sr. dr. Elias Pereira.

Eram approximadamente duas horas e meia quando se ouviu o primei-

ro signal de partida, dado pelo respectivo juiz. Aquella immensa molle humana agitou-se então toda, impurrou-se, acotovelou a torto e a direito na maior das curiosidades. Era a corrida do campeonato, a que mais interesse offerecia, por a disputarem dois corredores laureados e de fama como o sr. João de Souza Gomes e Manuel Ferreira Canha Junior.

Coube a este ultimo a felicidade de a ganhar, não obstante muita gente julgar o contrario.

A seguir, verificaram-se as demais corridas, sempre com enthusiasmo e disputadas á outrance.

D'ellas não damos minuciosa descripção por demais serem já conhecidas do publico pelos jornaes que nos antecederam.

Na terceira corrida, chamada Districtal, houve protesto do juiz de partida pelo facto do pedal esquerdo da bicycleta de João Gomes inutilizar a roda trazeira da bicycleta de Canha Junior, o que fez com que este sr. cahisse e se magoasse bastante. N'esta occasião foi o sr. Canha bastante victoriado e erguido nos braços de amigos e admiradores. E o enthusiasmo subiu de ponto quando foi presente ao jury a sua esfarrapada bicycleta, com os raios todos partidos e inutilizados.

E' indiscutivel e está na mente de todos, que se tal collisão se não tivesse dado, o premio caberia fatalmente a Canha Junior, que se mostrou um corredor distincto, muito correcto e sem os desmanchos que deslustram muitos corredores de nome.

E' um profissional por completo e que necessariamente honrará com brio o nome de Campeão que lhe foi conferido n'essa tarde.

MAC-RIO.

## PUBLICAÇÕES

Historia de um Fogo-Morto, por José Caldas, editores Lello & Irmão—Livraria Chardron—Porto.

Recebemos este livro, que contém os fastos politicos e militares de Viana do Castello, desde 1258 até 1848.

E' seu auctor o sr. José Caldas, escriptor muito conhecido e d'incontestavel talento. Escusado será dizer-se, por isso, que o livro é d'uma leitura agradável e instructiva.

O character local do livro não lhe tira o grande valor historico, por isso que, como muito bem diz o sr. José Caldas, cha de ser por meio d'estas migalhas de Historia colhidas paciente e intelligentemente por archivos e cartorios municipaes, com um cuidado que não permitta o minimo desvio, que algum dia, quando apparecer o architecto que haja de utilizar esses dispersos materiaes, longe da seductora e perigosa miragem das grandes syntheses historicas, a priori, se ha de fazer o edificio de uma Historia Nacional, cuja leitura a muitos illustre e a todos aproveite.

Concordamos plenamente.

E' livro que se deve lêr.

Agradecemos aos editores a sua offerta.

Manou Lescaut, celebre romance do padre Prévost, traduzido por Mannel de Macedo e editado pela EDITORA—Bibliotheca de Horas Romanicas.

E' um livro immortal, demasiadamente conhecido de todos, e em todo o mundo, para que tenhamos de dizer sobre elle alguma coisa, a não ser que deve ser comprado por todos que lêem, demais a mais sendo baratissimo, como é.

Programma das disciplinas do Ensino Primario e respectivos Horarios. Preço 150 réis.

Instrucções para o serviço do imposto sobre Especialidades Pharmaceuticas. Nomenclatura destinada á estatística dos obitos e enfermidades. Preço 200 réis.

Regulamento da Contribuição Predial Urbana. Preço 200 réis.

Todos estes livrinhos, de grande utilidade para todo o mundo, são editados pela Bibliotheca Popular de Legislação—Rua de S. Mamede 107—LISBOA.

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

X

Os expatriados

Quando chegou a Hollanda a noticia do suicidio de Francisco Moraes Taveira e da impertinente morte de seu filho, estes nomes gloriosos nas dypticadas da nação fiel foram ascriptos no martyrologio hebreu. Assim o tinha sido o do medico Silva, que, apoz treze annos de carcere, fôra queimado em Lima, no anno de 1693, e, ao tempo que o fogo devorava, um pegão de vento esborou o tribunal onde elle havia sido condemnado. Assim fôra santificado um judeu portuguez, o qual, apenas a fumarada da fogueira lhe levou aos pulmões as primeiras agonias, desataram-se-lhe os ferros, e foi arrebatado por um anjo, a tempo que os algozes exclamavam que o diabo o transportava em corpo e alma. Deus para salvar o seu servo das angustias do supplicio horrendo, o arrancára d'entre as chammas,

segundo o asseverado nas actas dos martyros. Não menos illustres em santidade eram para os hebreus o religioso da Assenção, queimado em Lisboa no anno de 1603, e o medico Sobremont, suppliciado em Lima depois de vinte e dois annos de masmorra. Na Sylva, de Antonio Alvares, vem commemorada assim a crucificada vida d'aquelle martyr:

*Veinte y dos annos in prison penosa  
Por defender de Dios la verdad pura,  
Termino arrastra la cadena dura  
Que le da el ser la sacra ley su esposa.*

Heitor Dias da Paz foi comparado na coragem da morte ao hespanhol Lobo de Veia, filho de paes christãos velhos, o qual se fizera judeu, e se circumcidára no carcere. A constancia de sua morte obrigou o inquisidor geral a dizer que nunca vira tão ardente desejo de morrer, nem tamanha confiança de salvação, nem tão completa firmeza, como a d'aquelle moço na flor da idade. (1)

O medico Abreu, para não arriscar a segurança dos seus parentes e amigos de Portugal, absteve-se de

(1) Foi queimado em Valhadolid em 1644. As expressões estão na Carta del Inquisidor Mascoso a la condesa de Montecrey.

pedir informações de Braz, nos primeiros annos seguidos á morte dos judeus de Villa Flor. Corria o anno de 1710 quando elle se animou a indagar com a maxima cautela. Algumas pessoas foram disfarçadas a Coimbra, averiguarem com todo o resguardo, e nenhum esclarecimento alcançaram. Ninguém dava novas nem rastreava o destino do moço. Eram obvias as razões d'esta ignorancia: Braz Luiz nunca em Coimbra estivera na companhia de Heitor Dias da Paz, nem o collegial de S. Paulo ousava dizelo, admoestado pelos frades, os quaes, por sua parte, movidos de compaixão do estudantinho, cuidavam em salvá-lo da nota infame de amizade com taes protectores.

O medico Francisco Luiz, se não esqueceu o filho de Antonio de Sá, desistiu de perguntar, como diligencia inutil, a paragem d'elle. Facilmente acreditaram que tivesse morrido, ou cahisse em obscura indigencia, depois do auto de fé de 1706.

Em 1718 appareceu em Amsterdão a obra de Braz Luiz d'Abreu, publicada em 1717, com o titulo: «Aguias filhas do sol que vôm sobre a lua». O nome do auctor produziu estranho reparo em Francisco Luiz d'Abreu. Braz era o nome da creancinha, que elle entregára a Francisco

de Moraes; o sobrenome e o appellido eram os d'elle.

— Quem sabe! — dizia elle á esposa — cuidaria o filho de Antonio de Sá que era nesse filho? Dir-lh'o-hia alguém, depois da morte de Heitor Dias da Paz? Por que ha de ter este homem o nome que lhe deixámos, e o appellido que eu tenho?...

— Pergunta a alguém de Portugal onde reside o auctor d'esse livro — lembrou Francisca.

De Portugal disseram ao israelita que Braz Luiz de Abreu era um medico residente no Porto.

Sem medeação de alguém, Francisco Luiz escreveu directamente ao medico do Porto estas palavras: «Pessoa interessada em querer saber quaes foram ou são os paes de vossemecê pede-lhe que os indique, se os conhece. Responda para Amsterdão.»

E deu o pseudonimo Elias Sarmiento, a quem devia ser dirigida a resposta.

Braz Luiz de Abreu entendeu que a pergunta era um escarneo a elle desgraçado, que não tinha conhecido seus paes, e que, na maledicencia de inimigos, passava como exposto na roda de Villa Flor. Afrontado por tão certa azaguia á sua immensa dôr e pejo de não poder dizer cujo filho era, respondeu n'estes termos:

«Braz Luiz de Abreu responderia com um tagante ao judeu ou burro que lhe faz a pergunta, se não tivesse de ir longe procurá-lo a chatinar no templo, como Jesus Christo nosso Senhor fez aos avós de quem se esconde na terra dos impios, dos hereses, e dos crucificadores do Messias para o insultar.» N'um homem, chamado Elias, a allusão insultante devia de acertar infallivelmente.

Francisco Luiz de Abreu, lida a resposta, riu-se da sua illusão e da catholica ira do medico portuguez. N'esse mesmo correio, foi-lhe de Portugal uma carta do amigo a quem elle perguntára onde residia o medico. A carta dava sobre o sujeito os seguintes esclarecimentos: Tinha sido creado com frades, á custa d'elles se licenciára, e era familiar do santo officio, e denominado o Olho de Vidro, porque, tendo perdido um olho em desórden, o substituiu por outro artificial. Acrescentava mais que, na opinião de algumas pessoas, o tal Olho de Vidro era filho de um frade, se não fosse filho de tres frades.

A vista d'isto e da resposta do auctor das Aguias, o hebreu acreditou evidentemente que este Braz não tinha de commum com o outro senão o nome.

(Continúa.)

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 53000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 63000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel para a lér pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principais livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º — LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

Bibliotheca

HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros

GEM RÉIS CADA VOLUME

ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA

Edições emseradante revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos

PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.

100 réis o volume

Cada pagina de leitura por menos de um real

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SÁ

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha aproximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Leão & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em feição todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, esturme, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS  
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra  
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras  
R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe — AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que fór applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submitter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encomendas de «marés» de junco.

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aquí levarás tudo tão sobejo (Luz. Com.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida). Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharías, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B. — Não se aviamencomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79